

Pregador, sê um Professor

Por Laurence Freeman - *The Tablet*, 23 de Agosto de 2003

Traduzido por Dom Luiz Osório Pires Prado*

A imagem da Igreja na mídia está no fundo do poço. Mas que tempo seria melhor para os cristãos ensinarem as riquezas de sua tradição? Um monge Beneditino explica.

Recentemente, eu estive dirigindo um retiro em Quebec, uma província onde muito da população sempre teve uma entranhada identidade católica. Como que num piscar de olhos, esta identidade se evaporou, deixando atrás de si um vazio espiritual e religioso que inúmeros outros meios de busca da verdade e propósito correm para preencher. Aí, como em muitos países ocidentais, a imagem da Igreja no mundo, pelo menos no mundo criado pela imprensa, é abismal - como compreendi quando, durante o retiro, um jovem profissional veio procurar-me.

Ele descobrira afinal a dimensão contemplativa da fé cristã, através da prática da meditação nesta mesma tradição cristã. A meditação reacordara nele um sentido de identidade até então inesperado e não procurado, um senso de Jesus como seu mestre, de Cristo como o seu Caminho. Ele me falou sinceramente, contando sua experiência mais do que procurando por respostas.

Eu reconheci sua busca por uma nova conexão com as raízes cristãs. Eu regularmente encontro este tipo de procura em pessoas da sua mesma idade e história passada... que cresceram sem qualquer educação cristã mais pessoal e que jamais se relacionaram com a Igreja anteriormente. Diferentemente da geração precedente, neles não há resíduo algum de culpa, porque não houve aí, jamais, uma lealdade que tenha sido rompida. Mas eles começam a suspeitar que é em Cristo que seu lar espiritual está oculto. Isto frequentemente conduz a um dilema religioso bem moderno. Eles descobriram a experiência espiritual, mestres, e até uma comunidade fora do cristianismo, talvez no Budismo, a qual vêem como uma sabedoria religiosa pessoal e prática, sem dogma. No entanto, uma atração irresistível a Cristo e à tradição cristã se afirma a despeito deles mesmos; a experiência é muito semelhante a de quem se apaixona com alguém que dificilmente conheceria e que talvez, possivelmente, de quem jamais teria gostado.

Quando o jovem levantou-se para sair, contou-me que, na primeira tarde do retiro ele foi surpreendido ao encontrar um colega e amigo de trabalho, um outro homem, mais ou menos de sua própria idade. Ambos trabalhavam em televisão. Após o momento de gentilezas habitais do gênero... "*não esperava te encontrar aqui, mas que bom...!*", começaram a conversar sobre seus caminhos e como estes os haviam conduzido até aquele mesmo lugar e observaram também sobre a estranheza de não saberem que outros também caminhavam na mesma direção. Assim, ao se prepararem para a primeira conferência do encontro, seu colega parecia modesto e ansioso. Será que ele se importaria de nada contar aos outros... de que fora ali encontrado? Surpreso também com isto, ele compreendeu que também ele não gostaria que soubessem onde estivera... num retiro *cristão!* Este questionamento muito pessoal foi que o direcionou a descobrir o sentido do retiro para ele.

Tudo isto me faz pensar a respeito da imagem da Igreja. Os meios de comunicação reconhecem a Igreja Cristã e outras religiões, mas somente no sentido do que interessa aos seus propósitos. Dentre estes, sua própria sobrevivência como "comunicação" e ainda a melhor posição em audiência; diversão, sensacionalismo e a exposição indecorosa de vidas privadas são, geralmente, os meios preferidos. Os cristãos chegam até as manchetes quando fracassam, fazem bobagens ou tombam em alguma controvérsia que funciona como "prato cheio"... ou quando seus líderes "atiram" uns contra os outros ou nós mesmos atiramos em nossos próprios pés com diretivas ditatoriais desde uma estratosfera eclesial... de forma tal que qualquer pessoa razoável, vivendo no mundo real, considere como simplesmente tolice, falta de compaixão, algo repressivo ou simplesmente idiota. A Igreja, assim como qualquer outro corpo público (ou indivíduo), precisa aprender a viver com um mundo de representações nem sempre claras.

Mas é difícil lutar ou cortejar a mídia. Recentemente dei uma entrevista a uma revista nacional no Brasil sobre o trabalho da Comunidade Mundial pela Meditação Cristã... ensinando sobre a tradição cristã contemplativa. A repórter, uma ex-cristã também à procura por raízes, parecia inteligente e interessada. Ela tomou parte em alguns dos grupos de meditação e viu por si mesma o quão profundamente tudo era cristão para os que ali estavam... perseguindo o mesmo caminho. Mas quando o artigo apareceu, o editorial entortou tudo e anunciou "Catolicismo Zen": "*Os cristãos estão tomando emprestadas as técnicas de meditação de outras religiões*".

Pouco tempo depois recebi uma carta de alguém que lera o artigo. Ele comentava o quanto fora superficial e equivocado o texto escrito. Mas disse também que sentira, desde o primeiro parágrafo, que havia alguma coisa real por detrás da confusão. Ele fizera contato com um grupo de meditação cristã e se sentia muito agradecido pelo que estava agora aprendendo.

Pode ser que não possamos confiar nos meios de comunicação para contar coisas acuradas a nosso respeito mas, por vezes, a despeito deles mesmos, alguma coisa de bom pode resultar.

Mas é diferente para o clero. A imagem "rápida" do clero que a mídia cultiva, tem contribuído em muito para diminuir o moral do clero, já há bastante tempo. Muito desta rejeição se origina do sofrimento pelo qual passamos quando somos mal compreendidos, ridicularizados ou rejeitados; alguma depressão ou grande sensibilidade aparecem como respostas naturais.

Mas esta rejeição pode também ajudar-nos numa descoberta mais clara de nosso verdadeiro propósito e missão, descortinando uma espécie de liberação espiritual diante da opinião pública. Não seria melhor mudar a forma como os cristãos se percebem em vez de tentar mudar a forma como os outros os vêem? Não seria aí um bom lugar para começar, bem do fundo das avaliações de popularidade?

Agora é a oportunidade para os cristãos mudarem a percepção popular que deles se faz como pregadores. Pregador não é um meio de comunicação muito apreciado ou efetivo em nossos dias. Houve um tempo em que milhares de pessoas se reuniam ao ar livre para escutar algum famoso pregador, hoje as pessoas querem ser ouvidas e os níveis de atenção têm diminuído. Dizer às pessoas o que é bom para elas... sem lhes dar a chance de expressarem suas próprias visões ou perplexidades, é a pior tentativa imaginável de comunicação em nossa cultura. As congregações de domingos agüentam isso, muitas vezes com sofrimento. A imagem do pregador, contudo, está tão impregnada no conceito do ministério cristão que a maior parte dos pronunciamentos públicos são caracterizados - e meio derrotados - exatamente por isso. Sem dúvida, esta é a razão porque as tentativas da Igreja, manifestando seu arrependimento, ou se penitenciando por seus pecados, são tão sem sucesso. Para os pregadores é mais difícil, que para os professores, ... admitir seus erros.

A alternativa à pregação é o ensino. Os contemporâneos de Jesus mais frequentemente o chamavam de mestre... mais do que qualquer outro título; ele era ouvido, mesmo que nem sempre bem compreendido. A pregação diz às pessoas o que fazer ou em que crer; mestres como Jesus ajudavam as pessoas a perceberem a verdade de onde elas mesmas estavam - o que explica porque ele ensinava por parábolas. Hoje, quando o conceito de autoridade já foi tão transformado, as pessoas se ressentem de "serem ditadas" sobre o que fazer, especialmente na base de uma revelação que não compreendem. Assim, é importante mostrar experimentalmente às pessoas o que esta revelação significa. Mostremos quão ricamente ela já foi testemunhada para uma tradição que, mesmo que a rejeitem - ainda assim a formou culturalmente. Comunicação, compromisso, envolvimento, compreensão... tudo isto se seguirá então.

E o que deveríamos nós então ensinar... senão as imensas riquezas da tradição espiritual cristã? As pessoas hoje procuram amadurecer sua fé com algo mais profundo do que as classes de Catecismo, o ensino social da igreja ou sobre a sexualidade. A Igreja tem mais a ensinar que a eclesiologia; não há escassez de experiência de fé, nem de pessoas treinadas para ensiná-la, ou de recursos e lugares. Toda paróquia ou comunidade religiosa pode ser conduzida a um continuado programa diocesano que transformaria a própria auto compreensão da Igreja. Veríamos que a Igreja não é um clube ao qual pertencemos, nem uma estrutura meramente hierárquica que permite alguma colaboração limitada. A Igreja é um corpo aprendiz, uma escola espiritual onde, como em qualquer ambiente verdadeiro de ensino, todos aprendem uns com os outros.

O Centro de Meditação em Londres está atualmente administrando um programa- piloto nestas linhas... para mostrar como isto pode ser feito, em escala maior, numa diocese. "As raízes do misticismo cristão", que começou

em Janeiro deste ano, reúne, cada semana, um grupo de trinta pessoas, em sua maioria jovens profissionais, de uma grande variedade de origens e graus de filiação à Igreja. O Curso começou com os Evangelhos e continua, semana após semana, explorando um mestre diferente dentro desta tradição contemplativa... apresentado por um especialista na área, começando com os Pais da Igreja e procedendo, cronologicamente, para culminar com os maiores mestres espirituais modernos. A abordagem é informada, mas não estritamente acadêmica. Há um *practicum* também. Cada classe começa com um período de meditação, tão logo as pessoas cheguem ao Centro. Ao final de cada ciclo há um retiro no mosteiro Beneditino, para ajudar a integrar esta descoberta da tradição e das aulas... na vida diária.

O Curso é uma forma nova de comunicar a essência do Evangelho. Por sua concepção, pequenos grupos mais do que encontros em grandes números têm sido a sementeira do Evangelho. Se a Igreja conseguir ver-se a si mesma como vivendo através destes pequenos grupos, como a verdadeira *mater magistra* - uma mãe que ensina - e menos como um pai punitivo, estabelecedor de normas... bem que poderia mudar algumas das manchetes e assim desafiar a fixação da mídia com os erros humanos da Igreja. Mas mesmo que ela falhe em assim fazer, isto começaria a mudar o caminho que os cristãos, e aqueles que buscam o sentido da identidade cristã hoje... a perceberem a natureza e o propósito da Igreja. Os meios de comunicação e os políticos, antes de tudo, são os que estão preocupados em melhorar (a seu respeito), a opinião pública. A religião tem uma agenda diferente menos, "machete orientada": a de mudar consciências e, assim, mudar vidas.

** Dom Luiz Osório Pires Prado é reitor e capelão do Seminário Teológico Dom Egmont Machado Krischke (SETEK).*



**Publicado pelo Departamento de Comunicação
da Secretaria-Geral da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil**
Caixa Postal 11.510 - Teresópolis - 90870-970 - PORTO ALEGRE - RS
FONE/FAX: (51) 3318.6200
e-mail: comunicacao@ieab.org.br
www.ieab.org.br